

OCCIDENTE

REVISTA ILLUSTRADA DE PORTUGAL E DO EXTRANGEIRO

Preços da assignatura	Anno 36 n.º	Semest. 18 n.º	Trim. 9 n.º	N.º à entrega	29.º Anno — XXIX Volume — N.º 976	Redacção — Atelier de gravura — Administração Lisboa L. do Poço Novo, entrada pela T. do Convento de Jesus, 4 Typ. do Anuario Commercial—Calçada da Gloria, 5
Portugal (franco de porte), m. forte...	3\$800	1\$900	630	5120	30 DE JANEIRO DE 1906	Todos os pedidos de assignaturas deverão ser acompanhados do seu importe, e dirigidos á administração da Empresa do OCCIDENTE, sem o que não serão attendidos.—Editor responsavel Caetano Alberto da Silva.
Possessões ultramarinas (idem).....	4\$000	2\$000	—	—		
Extrangeiro (união geral dos correios)	3\$000	2\$500	—	—		

Os Novos Reis da Noruega



PRINCEZA MAUD
RAINHA DA NORUEGA



PRINCIPE CARLOS DA DINAMARCA
HAKON VIII REI DA NORUEGA

Chronica Occidental

Foi, ha dias, sobresaltada Lisboa com o horrivel desastre succedido ao navio de guerra brasileiro *Aquidaban*. A explosão do paiol deu morte immediata a muitos marinheiros e officiaes que se achavam a bordo. Um horror!

Imagine-se qual terá sido o lucto no Brazil. Os templos de todas as cidades enchem-se completamente ás missas que teem sido rezadas pelas almas das victimas.

Lisboa não podia deixar de manifestar-se. Os registos da legação e do consulado todos os dias se enchem de nomes. E' que, além do sentimento que sempre inspiram catastrophes d'esta natureza, ha agora alguma coisa que muito de mais perto nos toca, e é que, por assim dizermos, a tragedia se passou com familia nossa.

Os laços que nos unem ao Brazil são de tal ordem que até a frase já sã banalmente, á força de repetida; são de tal ordem que a nenhum portuguez lhe parece estrangeiro um habitante do Brazil.

Tantas alegrias de lá nos teem vindo, porque nos haveria agora de chegar tamanha tristeza?

As manifestações de pesar continuam em Lisboa. Os jornaes teem todos publicado artigos sentidos sobre o assumpto; mas tencionam os jornalistas reunir-se, e juntos n'uma grande unanimidade eloquente, enviar ao paiz tão nosso amigo a expressão de seu sentimento.

Outras cidades do nosso paiz teem acompanhado Lisboa nas manifestações de pesar, as cidades do norte sobretudo, mais ligadas por interesses materiaes e moraes á terra onde tantos dos seus patricios labutam satisfeitos.

Foi tal a profunda commoção produzida por tão cruel tragedia, que muitos dos assumptos mais discutidos, ainda que de interesse no mundo inteiro, foram esquecidos n'esta má hora.

Em Algeciras vão continuando as conferencias, das quaes, segundo dizem alguns, ha de sahir a paz ou a guerra, talvez universaes. Optimistas e pessimistas procuram ler nas frases muito ponderadas dos diplomatas europeus alguns pensamentos reservados.

A Mohamed Torres e a El-Mokri, os interpre-

tes vão explicando o que se passa, e elles com gestos de cabeça, vão approvando: será respeitada a integridade do imperio, a soberania do sultão, o principio da porta aberta.

Discutem-se agora os impostos.

Muito bem. Mas o embaixador da Allemanha em Vienna d'Austria, fazendo um brinde n'um banquete, festejando os annos do Imperador, disse que se podia estar certo de que a paz não seria por ora perturbada, e affirmou que a triplice alliança subsiste inabalavel.

Aquelle *por ora*, dito para tranquilisar os animos, é que tem posto muita gente de sobresalto.

Parece que precisamos ir-nos preparando para a guerra. Foi talvez por isso que as mulheres de Souto, em cujas veias corre sangue muito parecido com o da Maria da Fonte, se lembraram de resistir á força pela força, não deixando sahir da aldeia o parochio que muito estimam e que o rev. arcebispo-bispo da Guarda queria transferir para o Seminario do Mondego, nomeando-o prefeito d'este estabelecimento. O tumulto foi gravissimo. Morreram duas mulheres, uma velha e

uma rapariga de vinte annos. Ha mais feridos de gravidade.

São explosões de colera por todos os lados, mas uma questão de campanario tem sempre o privilegio de mais exaltar os animos que os mais importantes assumptos de que possa, mais ou menos, resultar o futuro do paiz. E entretanto os comicios teem-se no paiz succedido e até fora d'elle, n'um maior interesse de patriotas, como foi o da colonia portugueza no Pará, que enviou uma mensagem a El-rei sobre o contracto dos tabacos.

Pouco viverá quem não vir o resultado final de todas estas discussões, em que, ha mais d'um anno, toda a politica portugueza anda envolvida e pela qual o paiz, contra a costumada indifferença, afinal se interessou.

Abrem as côrtes finalmente no proximo dia 1 de fevereiro, que será considerado de grande gala. Já o programma veio publicado no *Diario do Governo* e é tal qual outro qualquer de passados annos. O que depois succeder é que será, naturalmente, differentissimo.

Que não só com os tabacos se deve o paiz n'este momento preoccupar. Outros assumptos importantes chamam a attenção de todos os que se interessam pelo futuro de Portugal.

Um d'elles é seguramente a lucta que vae entre Lisboa e Vigo como porto terminus na Europa da navegação dos paizes americanos do Sul. Foi ha dias recebido pelo sr ministro dos negocios estrangeiros o sr Marianno Demario ministro da Republica Argentina em Portugal e Hespanha, conversando os dois sobre a importantissima questão. Também, ha dias, se reuniram em Santa Apollonia com o director da Companhia Real dos Caminhos de Ferro, sr. Leproux, e vice-director, sr. Vasconcellos Porto, os srs. Visconde de Richemont, director dos *wagons-lits*, Manage, chefe adjunto de exploração dos Caminhos de Ferro de Orléans, e engenheiro Strauss, representante da empresa Hersent. Trata-se de melhorar os serviços do porto, e de estabelecer um serviço diario de *sud-express* e outro de duas viagens diarias entre Lisboa e Porto n'um maximo de cinco horas.

Se estes grandes melhoramentos forem conseguidos, Lisboa ganhará muitissimo com a vinda de todos os americanos que veem fazer suas viagens á Europa, geralmente com as algibeiras muitissimo bem recheadas. Precisa para isso preparar-se a não se deixar adormecer até que estrangeiros se lhe adeantem a recolher o fructo dos capitães argentinos e da nossa indolencia. Os do Porto sabem n'estes pontos deitar-nos a barra muito adeante.

Citemos um exemplo, tanto mais que já estamos na epoca do anno em que n'estas coisas se torna a pensar. Lisboa e Porto, o anno passado, lembraram-se de chamar forasteiros na epoca do Carnaval. Fizeram e espalharam programmas, deram um outro feito ás festas, eliminando lhe todas as brutalidades. Cá e lá tudo se passou perfeitamente e não ha senão elogios a fazer aos promotores d'essas modificações. Mas aqui a idéa, por muito boa que fosse, não conseguiu, pôde dizer-se, senão applausos e muitos retrahimentos; no Porto, todo o commercio, toda a população, viram immediatamente o resultado que podiam tirar d'essa grande quantidade de gente, de villas, cidades e aldeias que ao Porto haviam de trazer os comboios apinhados.

Temos o carnaval á porta outra vez; veremos como se porta.

Costuma ser grande tempo para as casas de espectáculo, que nem todas este anno teem sido bafejadas pela sorte. A grande excepção continua sendo o theatro D. Amelia com a sua *Venus*. Já lá se chama uma casa fraca ao que d'antes se chamava um casão. Affonso Taveira tambem andou com sorte quando se lembrou de levar á scena a *Bohemia*, arranjo feito por Eduardo Garrido, que é mestre n'estas coisas.

A maior parte dos theatros mais pequenos estão preparando a toda a pressa as suas revistas d'anno, genero por que o publico se pela e costuma dar enchentes sobre enchentes.

Alguns espectaculos se annunciam, devendo produzir impressão no publico, que tem o dever de a elles concorrer. O escriptor Silva Pinto assumiu o encargo de erguer em Lisboa uma estatua a Camillo Castello Branco. Era obrigação não esquecer o que foi gigante entre os maiores. A subscrição foi inaugurada pelo sr. D. Carlos e Rainha, sr.^a D. Amelia. O exemplo veio do alto. Portugal inteiro deve concorrer para esta homenagem e os empregarios theatraes não quererão deixar de manifestar o seu respeito áquelle, que sendo um desgraçado deixou á sua terra a maior riqueza. Consta-nos que, para ajudar a subscrip-

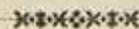
ção, preparam espectaculos os theatros de D. Maria, D. Amelia e Principe Real.

Outra estatua de que se fala muito é a de Raphael Bordallo, a qual talvez seja erigida no largo em frente da Casa Havaneza. Fez ha poucos dias um anno que o grande assistente nos deixou, e é ainda com uma lagrima de saudade a humedecer-nos a palpebra que d'elle podemos falar! Foi este um luto que nos parece mentira! Tanta vida, tanta graça que elle tinha! Parecia que a fonte de tanto espirito devia de ser inexgotavel!

Será Teixeira Lopes o autor das duas estatuas. Não sei se elle conheceu Camillo, mas a Bordallo conheceu-o perfeitamente, e é mais uma obra prima que d'elle esperamos.

Glorificam-se mortos; é um dever. Mas só o coração rejubila, sem que uma sombra lhe manche a alegria, quando a um vivo se lhe pague o que se lhe deve por sua illustração, por seu trabalho. E' o caso agora a manifestação a Theophilo Braga, preparada por seus alumnos do Curso Superior de Letras. Ainda ha bem pouco, aqui dissemos, ao publicar-lhes o retrato, quem era o sabio professor e a gratidão que nos merecia. O OCCIDENTE junta modestamente seu applauso ao do paiz inteiro.

JOÃO DA CAMARA.



Os novos reis da Noruega

Em 8 de junho do anno passado, o povo norueguez declarava-se independente da Suecia á qual se achava ligado desde 1814, facto a que o OCCIDENTE se referiu em o n.º 953 de vinte d'aquelle mez.

Receiu-se então que se accendesse a guerra civil entre noruegueses e suecos para liquidarem essa questão interna.

Os factos, porém, vieram demonstrar o contrario, pois tudo se resolveu em boa paz, dando aquellos dois povos escandinavos, o mais salutar exemplo ás outras nações, provando seu grande bom senso, seu grande civismo e amor patrio e provando ainda mais o estado adeantado da sua civilização, que, infelizmente, outros povos ainda não atingiram, a despeito de todos os progressos que se apregoam.

Os noruegueses discutiram ainda por algum tempo qual a forma de governo que mais lhe convinha e os primeiros homens d'este paiz reuniram-se para esse fim.

Havia os que queriam para rei um filho de Oscar II da Suecia, outros optavam por um presidente para a republica, e outros ainda preferiam um principe da Dinamarca, nação de que a Noruega fizera parte até 1814, desejando d'este modo banir quanto possível a lembrança do dominio sueco.

Foi laboriosa a discussão d'estas opiniões entre monarchicos, republicanos e socialistas, resolvendo por fim recorrer ao plebiscito como a melhor forma de resolver a questão.

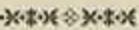
O resultado do plebiscito foi favoravel aos que opinavam pela escolha de um principe dinamarquez para rei da Noruega.

A escolha recahiu no principe Carlos, neto do rei Christiano.

O principe Carlos Christiano Frederico George Valdemar Axei, é filho do principe Frederico herdeiro do throno da Dinamarca, e nasceu em Charlottenlund a 3 de agosto de 1872. Casou no palacio de Buckingham a 22 de julho de 1896 com sua prima a princeza Maud Carlota Martha Victoria, que nasceu em Marlborough-House, a 26 de novembro de 1869, filha dos actuaes reis de Inglaterra.

O principe Carlos para occupar o throno que a Noruega lhe offereceu, tomou o nome de Hakon por ser este o nome tradicional dos *jaris* (condes) da Noruega, devendo ser este Hakon VIII.

Os novos reis da Noruega já tem um filho, o principesinho Alexandre que tambem mudou o nome tomando o de Oscar.



A conferencia de Algeciras

Assim ficará denominada na historia a conferencia das potencias, sobre Marrocos, que ora se reúne em Algeciras, cidade hespanhola pertencente á provincia de Cadiz, situada no estreito de Gibraltar, e que foi tomada aos mouros por D. Affonso XI de Hespanha.

Algeciras tem um pequeno porto de mar e a

cidade é cortada pelo rio Miel, o que lhe dá uns ares de Veneza, uma Veneza sem Doges e sem gondolas.

Em frente de Algeciras deram-se no principio do seculo passado dois combates navaes entre francezes e inglezes.

Acaso nos principios d'este seculo ali se irão preparar novos combates?...

As potencias que tomam parte na conferencia são: Allemanha e Austria Hungria, Estados Unidos, Inglaterra, França, Hespanha, Italia, Belgica, Paizes Baixos, Suecia, Portugal e Russia, que pela primeira vez se interessa oficialmente pela questão marroquina, e Marrocos.

Foi o governo de Hespanha que propoz para a conferencia se reunir em Algeciras, o que as potencias acceitaram.

Os preliminares d'esta conferencia foram laboriosos principalmente entre a França e a Allemanha até chegarem a accordo, o qual estabeleceu que na conferencia só se tratasse duas classes de medidas; umas tendentes a garantir a paz no Imperio marroquino, por meio da repressão do contrabando de armas, e pela organização de uma boa policia, e outras de ordem economica, como a de liberdade de commercio, incluindo a criação de um Banco marroquino para restabelecimento de credito, medida que não deixará de affectar os interesses da Hespanha, sabendo-se que a moeda hespanhola é a que mais circula n'aquelle paiz.

O Sultão Abd-el-Azis acceitou este programma da conferencia, tendo previamente recebido sobre elle notas particulares da Allemanha e da França.

No dia 17 do corrente é que principiaram a chegar a Algeciras os representantes ou delegados das potencias, e por enquanto apenas se tem tratado dos trabalhos preparatorios e de alguns passeios, almoços e jantares em que se tem trocado impressões, experimentado os animos para as discussões dos varios pontos do programma, o que promete prolongar a conferencia por alguns mezes.

Das primeiras impressões trocadas entre os conferentes, tudo parece bem disposto a acceitar o programma incluindo o proprio representante de Marrocos Mahomed Torres, que segundo parece é um portuguez ha muitos annos vivendo n'aquelle paiz onde foi parar por aventuras romanticas, e que conseguiu ganhar a confiança do Sultão que o fez seu primeiro ministro.

Mahomed Torres mostra-se inclinado a acceitar as propostas da conferencia, declarando que os marroquinos illustrados vêem com bons olhos o interesse que as potencias tomam pelo bem estar e futuro de Marrocos, não sendo contrarios aos progressos materiaes, como o do estabelecimento de caminhos de ferro, telegraphos e liberdade de commercio.

Estas palavras de Mahomed Torres são animadoras; mostrando o desejo de não fazer opposição nem obstrucionismo ás discussões da conferencia.

Os representantes do nosso paiz na conferencia, e que já se encontram em Algecira são o sr. Conde Tovar, ministro portuguez em Hespanha, e o sr. Conde de Marteus Ferrão, encarregado dos negocios de Portugal em Tanger.

Os tumultos na Ilha da Madeira

O que se está passando na ilha da Madeira recorda o que, em 1899 occorreu na cidade do Porto. N'esta cidade deu-se então um caso de doença suspeita que foi classificado pelo medico sr. Ricardo Jorge, de peste bobonica. No Funchal deu-se agora um caso identico classificado pelo sr. dr. Balbino Rego.

A população do Funchal não se conformou com as medidas sanitarias que uma tal doença contagiosa requeriam, e amotinou-se contra o isolamento dos doentes no lazareto, e ainda mais com a supressão da escala que os vapores dos Açores costumam fazer pela Madeira, ficando esta incommunicavel com as ilhas suas vizinhas com que mantem o melhor de seu commercio.

Os tumultos attingiram certa gravidade, fechando o commercio as suas portas em demonstração de protesto contra o rigor das medidas sanitarias, chegando a Associação Commercial da Madeira a dirigir um officio ao presidente da Associação Commercial de Lisboa, declarando que n'aquelle cidade não havia doença alguma de character suspeito, segundo declarações do proprio delegado de saude, e que eram exaggeradas e sem fundamento as noticias espalhadas pelos jornaes, havendo completo socego na população.

Entretanto outras notícias vindas do Funchal diziam que no dia 7 do corrente o povo e umas cem praças de infantaria n.º 27 haviam atacado o lazareto, levando de lá os doentes e destruindo os móveis da casa, gritando: *Abaixo o Lazareto*.

A contradição d'estas notícias levou o governo a mandar para a ilha da Madeira o couraçado *D. Carlos*, no dia 10 do corrente, afim de manter a ordem e o respeito da auctoridade, a qual parecia não ter a força necessaria para restabelecer o socego.

Estas precauções parece indicarem que effectivamente algum fundamento tiveram os boatos de haver na Madeira molestia suspeita, e n'este caso mal se explica a excitação do povo contra as medidas sanitarias.

O mesmo aconteceu na cidade do Porto, e contudo nunca se averiguou bem claramente se ali tinha ou não havido a peste bobonica.

Uma vantagem tirou o Porto, e não pequena d'aquella contrarieidade que por algum tempo prejudicou o seu commercio, e foi de se tratar mais a serio de sanitar a cidade. Outro tanto seria para desejar que succedesse agora á ilha da Madeira, onde não faltam as mais favoraveis condições naturaes para ser a primeira estação de inverno para os ricos, que ali vão refugiar-se dos rigores do frio dos paizes do norte.

Uma das primeiras necessidades a que é preciso attender é a da canalisação de aguas para abastecimento da cidade, sem o que não pode haver o preciso aceio e hygiene da população. Outra é o encanamento de esgotos, que torne a cidade limpa e melhora o seu aspecto.

O governo já se propoz a coadjuvar estes dois grandes melhoramentos, se a j nta geral do districto e a camara municipal quizerem concorrer com a sua cota parte.

E' de esperar que não se perca o ensejo de beneficiar a bella cidade do Funchal, pois estes melhoramentos serão o inicio para outras obras que a tornem mais commoda e convidativa para os estrangeiros, com que o commercio muito virá a lucrar.

As ultimas noticias confirmam o restabelecimento da ordem e a população em socego, devendo notar-se que os doentes levados do lazareto pelo povo, não propagaram a doença pela cidade, affirmando essas noticias que o estado da saúde publica é magnifico, sem sombra de doenças contagiosas.

A posição geographica da Madeira é, como se sabe magnifica, permitindo-lhe desfructar um clima temperado e saudavel, o que junto ás suas bellezas naturaes mais realçam aquella joia do Oceano de subido valor.

Muitas familias inglezas ali fazem a sua estação de inverno para o que tem casas proprias, sendo tambem importantes as relações commerciaes que a Madeira tem com a Inglaterra.

Nos ultimos tempos os allemães tambem ali tem estabelecido commercio assim como uma empresa de sanatorios, arrespeito do que se deu ultimamente uma questão de choque de interesse entre allemães e inglezes, o que provocou a troca de notas diplomaticas entre o governo allemão e o governo portuguez, não estando ainda resolvidas completamente as negociações.

MAESTRO RIO DE GARVALHO

Publicamos hoje o retrato d'este distincto maestro nascido em Lisboa, em 20 de setembro de 1838. Começou muito novo os seus estudos musicas matriculando-se no Real Conservatorio e tendo como professores os artistas Freitas Gazul, Eugenio Lanzoni, Antonio Porto, Vicente Tito Manzoni e Xavier Migoni.

Aos 14 annos entrava para a orchestra do Real Theatro de S. Carlos, e mais tarde, depois de exhibir as mais brilhantes provas do seu incontestavel valor no estudo de rebeca, ganhava em concurso publico, o logar de quinto dos primeiros rebecas, no exercicio do qual—*n'um crescendo admiravel*—se manifestou tão eximio artista que n'um curto praso foi elevado á eminente situação de chefe da orchestra do nosso theatro lyrico, posição onde se não chega pelos empenhos mas pelo merito real.

Estreou-se como compositor escrevendo a musica da magica *A filha da noite*, que lhe valeu os mais animadores applausos. Tem escripto muita musica para os nossos theatros e compoz para o Real Theatro de S. Carlos a musica da *Dança Il Sogno de Vivere* e varios trechos isolados que foram intercalados n'outras danças d'aquelle theatro. São em grande numero as suas composições

para bandas militares. Rio de Carvalho é o actual chefe d'orchestra da *Real Camara* dirigindo com a sua batuta as quadrilhas de honra nos bailes que, ainda não ha muito tempo, se realisaram no Paço d'Ajuda em honra de Eduardo VII etc.



MAESTRO RIO DE CARVALHO

O distincto maestro possui as veneras; taes como, o habito de S. Thiago e uma medalha que a Italia só confere a distinctos professores de musica e maestros. Ainda por occasião da visita do presidente da Republica Franceza a Lisboa, Rio de Carvalho offereceu a Mr. Emillio Loubet, uma marcha intitulada *Franco-Luzo* com destino a ser executada pela Banda da Guarda Republicana de Paris, e ainda outras bandas regimentaes, tendo s. ex.º o Presidente Loubet ficado deveras reconhecido ao maestro portuguez pela gentileza da offerta encarregando Mr. Rouvier illustre ministro de França de agradecer por carta a Rio de Carvalho.

Lisboa, deve confessar-se agradecida ao distincto maestro pelas bellas noites de boa musica que lhe proporciona sob a direcção de Rio de Carvalho, no sextetto que tem por titulo o nome do maestro, e dentro do qual ha artistas de merito como o violino Caggiani e o violoncellista sr. Passos, que todas as noites se fazem ouvir na Cervejaria Jansen.

—X—X—X—X—

MU-SIAM

CONTO CHINEZ

POR

DOROCHEVITZ

(Continuado do n.º antecedente)

—E agora, estarei mais feia do que as taes mulheres formosas em que me falavas?

—Quem? tu?

Em vez de responder, por pouco a não devora com um novo chuveiro de beijos. E que beijos! Ricos de entusiasmo, de calor, de attrahencia, beijos desconhecidos de todo da pobre pequena.

E por entre o torvelinho que a arrastava, dizia consigo: «Ei-la afinal, essa ventura em que tanto me falavam!»

—E escrevias um poema para me offerecer!

—Um poema?—Ah! sim! o famoso poema no qual todo o china que se preza deve celebrar os encantos daquella a quem nunca viu! Pois sim, enviar-te-ei um, minha Mu Siamzinha, esse, porém, sequer ao menos, será realmente inspirado pela tua formosura.

E no meu poema, como em um espelho, a minha Mu Siamzinha, poderá identificar a sua pessoa... Trar-t'o-ei amanhã!

E que mais podia ella desejar? Ia escrever um poema em seu louvor!...

E quando saiu Tun-hi, não sem que lhe tivesse beijado a mão vezes sem conta, ella, debruçou-se na balastrada do seu jardim suspenso.

—Com que então, amanhã, cá espero os teus versos...

Estava procedendo em contravenção absoluta ás regras da etiqueta, mas, tudo que não fosse a alegria que de todo em todo a assoberbava, lhe era indifferente.

Jámais estivera tão lindo o seu jardim, tão refulgente o sol, tão alegre o chilrear dos passarinhos, as maçanzinhas, tão pequeninas, tão engraçadas.

Mu-Siam quis convidar com presentes a todas as suas aias, e quando ellas, conforme seu costume, se puseram a bailar e a cantar para divertirem sua ama, ella, presenceou indifferente as cantigas e as dansas, mas desta vez, a sorrir, maviosa, para aquillo que só ella estava vendo e ouvindo.

O mesmo sorriso enigmatico e ditoso lhe alegrou o semblante, lá pela volta da tarde quando se illuminou o jardim, e as veredas scintillaram com luzes ás mil, e as chimeras evolaram nos ares. E quando Mu-Siam se foi deitar, collocou por baixo da cabecinha um supportezinho, para não esbandalhar o penteado, feito pelo «primoz»; subiu-lhe á garganta um demorado soluço: chorou umas lagrimas doces, de felicidade, sem que ella propria soubesse o motivo que a levava a derramá-las. Só o que sentia era que havia muito tempo não experimentara tamanha alegria, e em sonhos, viu o formoso cavaieiro de olhos chammeantes, a fulgirem como estrellas.

Mu Siam vestira o seu vestido de côr mais clara, um vestido todo elle bordado com borboletas e flôres. Sentada nos cochins, brincava com as suas bonecas predilectas. Uma d'ellas, penteada á europeia, de unhas curtas, representava Mu-Siam. A outra, recamada toda ella de borboletas de seda preta, representava o «Priminho»!

E quantas coisas não diziam um ao outro? E Mu-Siam a escutar-lhes o discursar, enebriando-se com as palavras cariciosas que mutuavam entre si.

De subito, ao ouvir uma voz, extremeceu.

—Bom dia, meu amor! Que estás fazendo, ahí, ao cantinho?

—Estou a brincar com as minhas bonéas, respondeu sorrindo. Estás ahí, e eu aqui!

—E em que conversam?

Mu Siam voltou a sorrir, mas com uns ares finorios, d'esta vez.

—Elle está lhe recitando uns versos lindos!

—Muito me contas, minha velhacoria! Sentate aqui, n'esta poltrona (não, não, neste throno), faze de conta que és a minha rainha, e eu, o mais leal dos teus vassálos, sento-me a teus pés. Escuta...

—Compuseste um poema... em meu louvor?...

—Compôs, cantando a tua belleza.

E leu:

A quoi é bon entendre
L'oiseau des bois?
L'oiseau le plus tendre
Chante daus ta voix.

Que Dieu montre ou voile
Les astres des cieus,
La plus belle étoile
Brille daus tes yeux.

L'Avril renouvelle
Le jardin en fleur!
La fleur la plus belle
Fleurit dans ton cœur.

Cet oiseau de flamme,
Cet astre du jour,
Cette fleur de l'ame,
S'appelle l'Amour.

A coitada de Mu-Siam, como não deixarão de suppor, ignorava quer a existencia de Victor Hugo quer a das suas obras. Para ella, era aquelle, effectivamente, o poema dos seus sonhos, composto expressamente em seu louvor, e deixava-se embalar por aquelles versos como se fossem uma musica celestial.

Assim que Tun-hi concluiu, ella, murmurou:

—Outra vez! Torna a ler-mos ainda uma vez!

E elle, volta a ler-lhe aquelle canto apaixonado, e cáe de joelhos, a mirá-la com uns olhos fulgidos, os olhos do cavalleiro visto em sonhos; e d'ella se apoderou uma vertigem, um desejo louco de beijar aquelle mancebo, de o beijar com os proprios labios, pela primeira vez na sua vida.

Debruçou-se, cingiu-lhe o côlo com ambos braços, fechou os olhos, chegou aos labios de Tun-hi os seus labios descerrados, ardentes, e percorreu lhe o corpo todo um fremito.

A Conferencia de Algeciras

Reinava no camarim profundo silencio. De repente, eis que um som estranho, selvatico, nem gemido nem urro, o berro de um animal mortalmente ferido, veiu interromper aquelle beijo sem fim.

Como que acordados de sobresalto, ambos elles numa tremura, de susto e de pavor, olharam um para o outro: á porta, firmando-se a ella para não cair, surgiu Yon-Ko-Zan.

Toldava-lhe o pobre semblante amarello uma pallidez de defunto, cafa-lhe o queixo. Os olhos, por baixo das immensas cangalhas de vidro, pareciam maiores, de espavoridos; prolongou-se por instantes a situação. Até que por fim, voltou a si Yon-Ko-Zan, deixou cair a cabeça, como quem recebeu golpe mortal, agarrando-a depois ás mãos ambas, tregeitando exasperado, e, a cambalear, saiu do quarto...

Bem sabia qual era o seu dever!

Seguiram-se uns minutos de silencio lobrego, pungente.

— Mu-Siam estava branca que nem uma defunta. Elle, des-pavorido, sem saber o que devia fazer Entrou um criado e dirigindo-se a Tun-Li:

— Meu amo ordena-te que evacues desde já a sua residencia, declarou.

— Mu Siam estava toda ella num tremor.

— Não a desamparo! exclamou Tun-Li. Dize a Yon-Ko-Zon que desejo falar-lhe.

— Se não saíres immediatamente manda meu amo que te cortem as mãos e os pés, como se faz aos ladrões.

— Foge! Salva-te! murmurou a espavorida Mu-Siam, afogada pela afflicção.



UMA VISTA DE ALGECIRAS



CHEGADA DO DELEGADO DE MARROCOS, MAHOMED TORRES

Empilhado em uma immensa ampulheta, em cima do altar dos sacrificios, divisava-se um montão de varinhas odoríferas. Invadiam o templo as espiraes do fumo, enroscando-se em redor dos assistentes, todos elles de cócarinhas, em completa immobilidade, á similhaça de monstruosas estatuas.

Duas escravas amparavam, ou antes, levavam em braços a pobre Mu-Siamzinha.

Concluida a prece, ergueu-se Yon-Ko-Zan; imitaram no os presentes; inclinou-se ainda por varias vezes ante o altar, lançou mão de um objecto que ali se encontrava, e voltou se para Mu-Siam.

Estava pallido o seu rosto, mas tranquillo, impassivel. Mu-Siam sentiu-se maniatada sob a fixidez d'aquelles olhos; adivinhou que o marido tomára irrevogavel resolução, olhou para o que elle tinha na mão, e cambaleou...

Entre os dedos de Yon-Ko-Zan scintilava um punhal comprido e recurvo.

Tentou gritar, faltou-lhe porém a voz; a lingua não podia articular o minimo som, Yon-Ko-Zan, estendeu para ella o braço, e com a sua voz estranha, fria, impassivel, emittiu estas palavras:

— Sabeis o que fez esta mulher?

Inclinaram todos a cabeça em signal de affirmativa:

— Perpetrou uma acção desconhecida até hoje na familia dos Yon-Ko-Zans. Deshonrou os seus antepassados.

Voltaram todos a inclinar a cabeça. Elle proseguiu:

Tun-Li, então, afastou-se de punhos cerrados, com as feições do rosto numa convulsão.

— E a ti, minh'ama, ordena-te o sr. (Mu-Siam toda ella era ouvídosa)... que envergues immediatamente o vestido branco!

Mu-Siam soltou um grito roufenho, estendeu as mãos para a frente, como que tentando arredar pavorosa visão, e baqueou no chão, sem sentidos.

Devagar, devagar, reboava a sinetazinha, chamando para a oração.

Mu-Siam, trajando o vestido branco dos funeraes, alfaia que, na China, faz parte do enxoval, foi levada á capella consagrada aos idolos e situada no primeiro andar do proprio edificio.

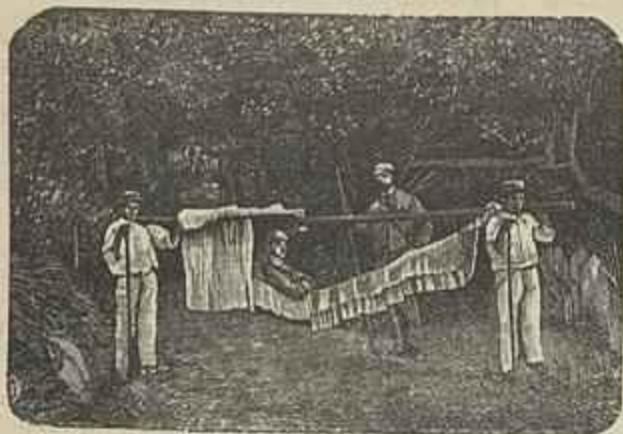
As paredes ajoujadas, por assim dizer, com o peso dos idolos adorados algum dia pelos avoengos de Yon-Ko-Zan, e este, agachado em cima de um tapete bordado com imagens santas, escondendo o rosto nas mãos, a socinar uma prece.

A irromper por entre as mólhadas de flores artificiaes, o seu idolo, a imagem de Confucio; dir-se-ia ter os olhos postos n'elles.

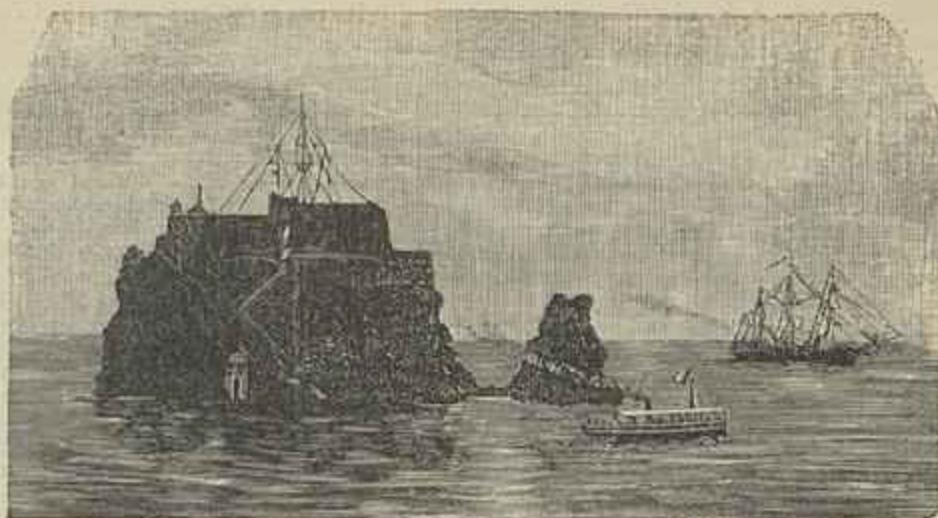


DR. ARMANDO NAVARRO—CONDE DE TOVAR—CASA NOVA—CONDE DE MARTENS FERRÃO—MARTINHO BRUDERODE
Missão Portugueza em Algeciras
(Clichés do enviado especial do Occidente, sr. Benoliel)

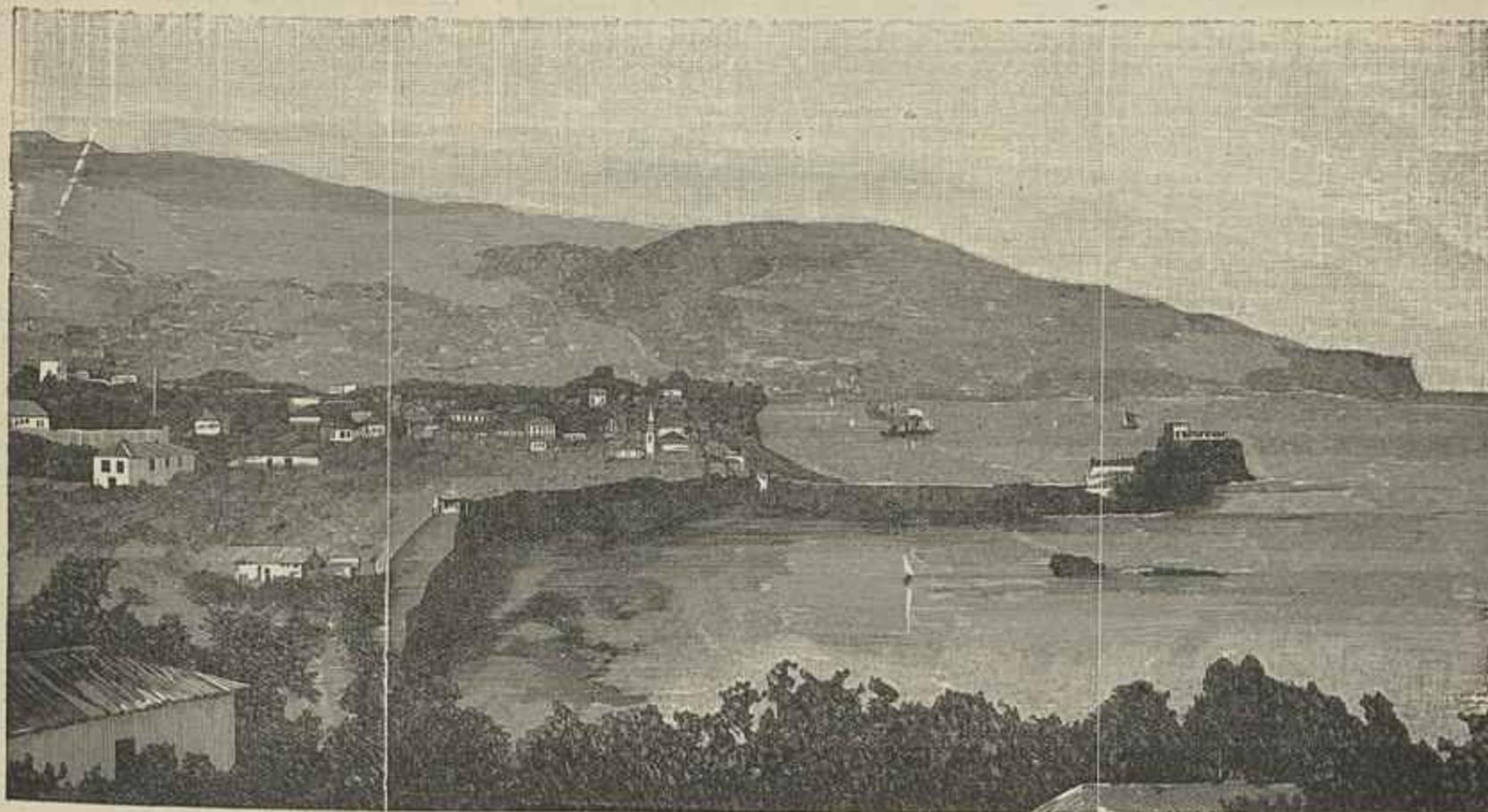
Os tumultos na Ilha da Madeira



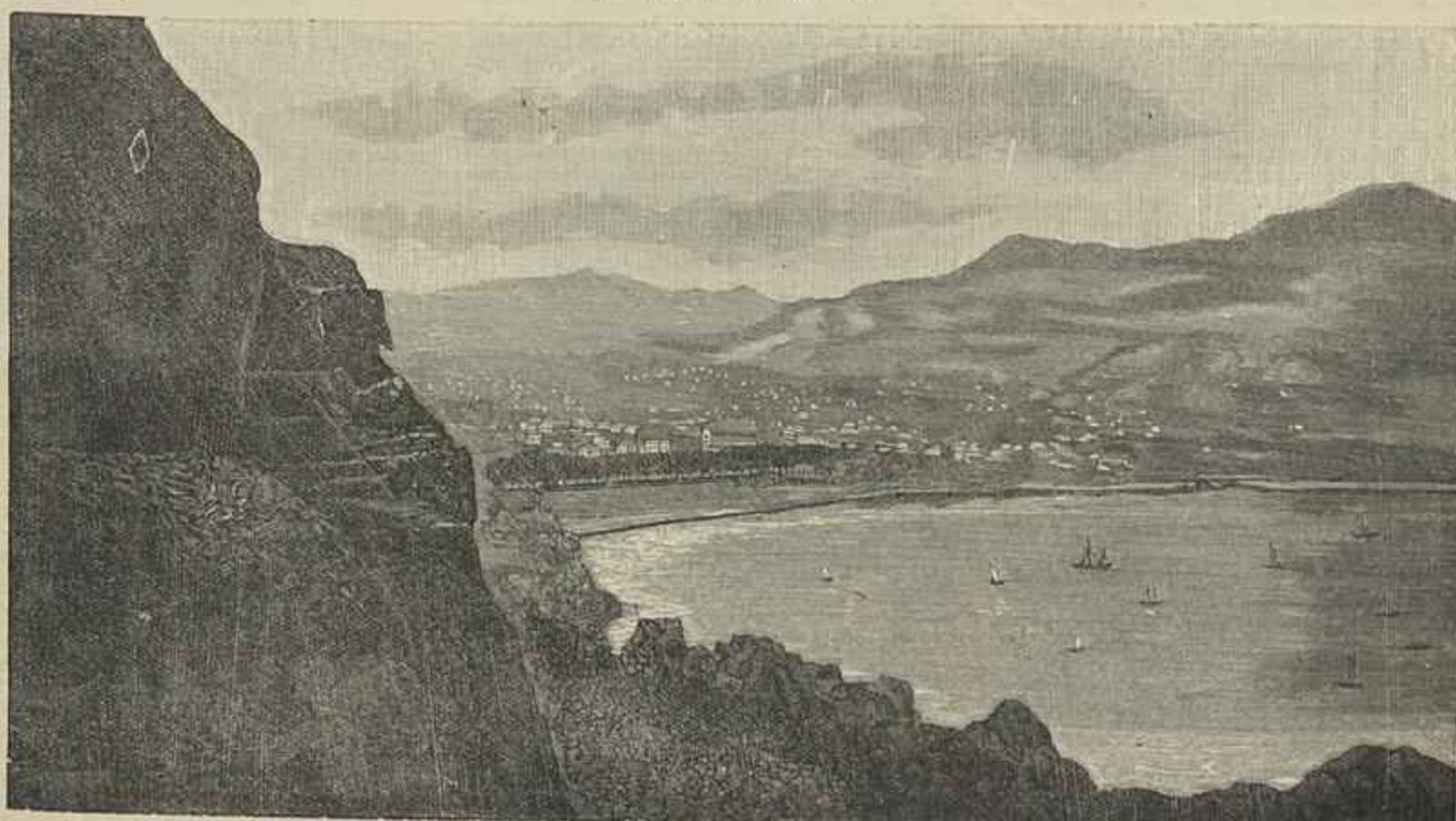
REDE PARA TRANSPORTAR VIAJANTES



ILHEU DA PONTE DE S. LOURENÇO



UMA VISTA DA CIDADE DO FUNCHAL



UMA VISTA DA ILHA DA MADEIRA LO LADO NORTE

— Semelhante acção só pode ser lavada com sangue!

Mu-Siam, semi-morta de susto... Mas que vae elle fazer?

Yon-Ko-Zan sentou-se no tapete, de cócoras: descerrou a vestimenta.

Mu-Siam debruça-se para a frente; não despega do rosto de Yon-Ko-Zan o olhar espantado; de subito, solta-se-lhe do peito um gemido inarticulado. Compreendeu, agora, o que quer o marido! Este enterrou no ventre o recurvo punhal, afiado que nem uma navalha de barba, e o rosto d'elle sempre tranquillo, impassivel.

As pupilas, tão somente, dilatadas de modo estranho, e através dos largos oculos, o pávido olhar assestado em Mu-Siam.

— Não! não! por piedade! exclamou esta.

Elle, como resposta unica, revolve demoradamente o punhal na ferida, contraídas as feições do rosto, e, sem duvida, solitaria talvez, mau grado seu, um queixume, pois exclamam á uma os que o cercam:

— Gloria! gloria a Yon-Ko-Zan, que nem teme a morte nem sente a dor!

Yon-Ko-Zan ebrio, a um tempo, com aquelles gritos, e o atroz soffrimento que o alanceia, ergue de vagar o punhal e abre o proprio ventre, de baixo para cima. Pegou então tudo a titubear aos olhos da malfadada Mu-Siam, e caiu desmaiada nas ferreas mãos dos serviçoes que a cercavam.

Quando tornou em si, as mesmas tenazes de ferro a obrigaram a permanecer inclinada para cima do estatelado cadaver de Yon-Ko-Zan.

No rosto d'este, branco como um lençol, congelava-se um esgar de dor atroz. Vidrados os olhos, as pupilas dilatadas pareciam fitar um ponto unico com uma expressão de pavoroso soffrer.

Mu-Siam quisera arrancar-se a tão medonho espectáculo; as mesmas garras de ferro a mantinham pregada junto do cadaver, e repetiam lhe as mesmas vozes:

— Olha! olha!

(Continua)

M. MACEDO.

✻✻✻

A natureza e seus phenomenos

PARTE IV

OPTICA

CAPITULO II

DISPERSÃO E RECOMPOSIÇÃO DA LUZ

(Continuado do n.º 174)

A parte da optica que estuda as côres, é a chromatica.

Se, por um orificio de uma casa completamente fechada, fizermos entrar um feixe de luz solar, e dirigirmos esse feixe sobre um prisma de arestas horizontaes com o vertice voltado para baixo, veremos na parede opposta, formar-se uma imagem do Sol, alongada, na direcção perpendicular ás arestas do prisma, e conservando as dimensões da abertura, na direcção parallelas, sendo essa imagem, córada com as côres do arco iris, as quaes sempre dispostas na seguinte ordem: *vermelho-alaranjado-amarello-verde-azul azulado e rôxo*. E' a esta imagem que se denomina *espectro solar*. Estas côres acham-se collocadas em ordem ascendente com relação á sua refrangibilidade, occupando maior espaço, a rôxa, e menor espaço, a alaranjada.

E este o phenomeno da *dispersão da luz*.

Funda-se este nos seguintes principios:

1.º A luz branca do Sol é composta de uma infinidade de raios corados entre os quaes se distinguem as sete côres espectraes.

2.º Essas côres são simples e inalteraveis.

3.º Os raios diversamente corados, são desigualmente refrangiveis.

Dirigindo os raios do espectro para um espelho concavo e collocando no seu foco, um alvo de vidro despolido, formar-se-ha a imagem do Sol, o que demonstra o primeiro principio.

Recebendo isoladamente cada côr do espectro, n'um prisma fuscado e fazendo atravessar cada uma d'essas côres por um segundo prisma, estas conservar-se-hão inalteraveis, o que demonstra o segundo principio.

O facto dos raios se separarem atravessando o prisma e dando uma imagem do Sol mais alongada, demonstra o ultimo principio.

O *rôxo* como mais refrangivel desvia-se para a base do prisma, o *vermelho* como menos refrangivel, aproxima-se ao vertice d'esse prisma.

Se a luz depois de dispersa por um prisma, fór recebida por uma lente convergente, esta apparece, de novo, *branca*. E' o phenomeno da *recomposição da luz*.

Uma experiencia curiosa demonstra, egualmente, que a reunião das setes côres espectraes, dão o *branco*.

E' um círculo onde estão pintadas as sete côres simples, dispostas segunda a ordem em que apparecem na imagem do espectro e occupando espaços proporcionaes á extensão occupada realmente por cada uma d'essas côres. Fazendo girar o cartao em torno do seu eixo horizontal, e olhando attentamente para o cartao, parecer-nos-ha este, branco em vez de córado. Isto provém do facto dos nossos olhos receberem a impressão das sete côres, ao mesmo tempo, as quaes reunindo-se, dão-nos a sensação do branco.

D'onde concluímos que o *branco*, é a reunião de todas as côres.

As côres que misturadas dão o *branco*, chamam-se *complementares*, como por exemplo, o encarnado e o verde ou o azul e laranja, etc.

Côres dos corpos. O poder reflectidor dos corpos não é identico para a luz de diversas côres. Nos corpos opacos, consoante as ondas luminosas reflectem com maior ou menor facilidade qualquer das côres, assim o corpo poderá ser *vermelho*, *verde*, *amarello*, etc. Se um corpo opaco reflectir indifferentemente as ondas luminosas de todas as côres, este apresenta a côr *branca*. Se o corpo absorver todas as côres, sem reflectir nenhuma, esse corpo é *preto*, o que significa completa ausencia da côr. Por exemplo: Um corpo opaco que reflecte só o azul, terá a côr azul; o que apenas reflectir o vermelho, será *vermelho*, etc. Não sendo os corpos illuminados com a luz solar, podem estes muitas vezes, apresentar á noite, côr diversa d'aquella que possuem, durante o dia, consoante a luz empregada. Um corpo branco n'uma casa onde haja luz vermelha parece nos *vermelho*.

Os corpos *transparentes* deixam egualmente passar muitos raios de luz e reflectir outros. Se apenas passam as ondas luminosas, do azul, o corpo terá a côr azul; se apenas passam as ondas do vermelho, o corpo será *vermelho*, etc. Se passam com igual facilidade todas as côres, o corpo será *incolor*, isto é, tem a côr da luz que o atravessa. No entanto, os corpos *incolores*, quando em grande espessura, tingem-se de uma coloração fraca. Assim a agua, por diffusão, em grande porção, pode ser verde ou azul, como succede nos mares e oceanos.

CAPITULO III

APPLICAÇÕES DOS PRINCIPIOS DA OPTICA

As origens luminosas podem considerar-se como pertencentes a qualquer dos seguintes corpos: *Sol, estrellas, calor, combinações chimicas, phosphorescencia, electricidade e phenomenos meteoricos*.

Das duas primeiras origens de luz, nos occuparemos em occasião opportuna.

A luz das *combinações chimicas*, é resultante da elevada temperatura que acompanha essas combinações, como por exemplo, nas luzes artificiaes empregadas para illuminação.

As substancias solidas são empregadas na illuminação, em forma de *vellas*. Para se obter a combustão, é necessario haver *chamma*, e sendo esta, esta devida á combustão dos gazes, é necessario que, se as substancias não são gazozas, se vaporisem ou se decomponham com gazes.

As principaes substancias solidas empregadas para a illuminação, são: a cera, o cebo, a stearina e a parafina.

A combustão do magnésio produz tambem, como dissemos, uma luz brilhante.

Os liquidos empregados na illuminação são: o azeite, alguns oleos e o petroleo. A combustão d'estes luz-se em candieiros. As torcidas são, em geral, chatas e cylindricas, sendo os candieiros munidos de chaminés. O liquido eleva-se ou por capillaridade nas torcidas, ou por pressão devida ao liquido contido em um reservatorio, á altura da torcida, ou ainda por acções mechanicas.

Combustão dos gazes. E' principalmente o gaz de illuminação proveniente da distillação da hulha ou carvão de pedra, o que é mais utilizado para illuminar as cidades e estabelecimentos publicos. Os bicos mais usados para a combustão, são os *bicos de leque*, que tem a forma de uma calote espherica. Modernamente, empregam-se os bicos *Auerz*, e semelhantes, cujo uso está espa-

lhado por todo o mundo. Constam em geral, de uma virola metalica que se apresta ao candieiro do gaz, crivada de orificios, pelos lados, terminando na parte superior por uma parte mais larga, onde se ajusta a manga de incandescencia fixa á uma haste metalica transversal. O gaz inflammando-se, torna a manga incandescente. O bico é preservado por uma chaminé de mica.

A illuminação pelo acetylene é produzida pelo carboreto de calcio (combinação do carbone e o calcio), producto com o aspecto de uma massa pedregosa, grisalha que mergulhada n'agua, se decompõe, produzindo um gaz que inflammado nos dá uma luz brilhante.

A luz solar pela sua refração e reflexão dá origem a muitos apparatus opticos. Citaremos alguns d'elles.

1) *Camara escura*. Na sua simplicidade, é uma casa escura onde a luz penetra por um orificio. Como vimos, os raios luminosos, penetrando por um orificio, tornam a imagem dos objectos invertidos. Para tornal-a mais nitida, em vez do orificio adapta-se a este, uma lente convergente, que concentra os raios de luz, antes de penetrem no interior da comara, recebendo-se a luz, n'um espelho inclinado de 45º que, reflectindo os raios luminosos, os obriga a seguir uma direcção tal, que reproduzam sobre uma meza, a imagem perfeita do objecto.

Camara photographica funda-se n'um caso identico.

E' uma caixa rectangular, dentro da qual gira outra, que serve ao longo da primeira, que faz variar a distancia da lente a um alvo de vidro, onde se produzem as imagens, e se concentram os raios que depois de reunidos pela lente, incidem n'um espelho inclinado de 45º.

(Continua)

ANTONIO A. O. MACHADO

✻✻✻

Licções de photographia

Na *Photo-Gazette*, publicou-se n'um dos ultimos numeros, um processo para se obter positivos sobre o vidro.

Faz-se a solução seguinte:

Agua — 200 c.^{m3}

Iodeto de K — 12 gr.

Iodo puro em palhetas — 1 gr.

e tomam-se 15.^{m3} d'este banho, mergulhando n'elle o cliché, até a gelatina ficar branca lavando-o em seguida e fixando-o n'um banho composto de:

Agua — 500 c.^{m3}

Hyposulphito — 50 gr.

Bisulphato de soda liquido acido — 5 c.^{m3}

deixando-o ahí permanecer um minuto e lavando na agua corrente, durante 5 minutos.

Não satisfazendo o tom obtido, passa-se o cliché na viragem seguinte:

Agua — 1000 gr.

Hyposulphito — 140 gr.

Alumen em pó — 10 "

a quente, e depois de frio junta-se-lhe 1 gr. de acetato de chumbo, previamente dissolvido n'agua. Filtra-se em seguida e junta-se-lhe finalmente 50 c.^{m3} de uma solução de cloreto de ouro a 1% devendo-se, no entanto, esperar 6 horas, antes de utilizar este banho.

✻✻✻

O Aquidaban destruido por explosão a bordo

Telegrammas do dia 22 do corrente deram noticia de uma grande explosão no couraçado brasileiro *Aquidaban*, de que resultou afundar-se em menos de cinco minutos, na enseada Jacuecanga, proximo da Angra dos Reis, com toda a gente que tinha a bordo.

Escusado será exaggerar a dolorosa impressão que a noticia de semelhante catastrophe produziu em Lisboa como em todo o paiz, não só por que uma tão grande desgraça commove todos os corações, mas ainda porque, dados os laços de intimidade que existem entre Portugal e aquelle vasto paiz, de receber é que nas victimas se contem algumas pessoas que nos sejam caras.

O *Aquidaban*, o *Almirante Barroso*, o *Tiradentes*, formavam uma esquadriha levando a seu bordo a commissão encarregada dos estudos para a mudança do Arsenal da marinha da cidade do Rio de Janeiro na margem sul do Guanabara, para outro local, em virtude da transformação por que está passando a capital federal.

Essa commissão ia examinar o ponto escolhido para o novo arsenal, que devera ser construido na enseada Jacuecanga.

A explosão deu-se no paiol da pólvora do *Aquidaban* ás 10 horas e meia da noite de 21 do corrente, submergindo-se o couraçado sem dar tempo a ninguém se salvar á excepção do medico de bordo.

A bordo do *Aquidaban* iam, além da tripulação que lhe competia, grande numero de officiaes e mais pessoal encarregado dos estudos, não se podendo ainda precisar o numero certo de pessoas porque os telegrammas são contraditórios n'este promenor, podendo comtudo calcular-se que não será inferior a 200 o numero das victimas em que se conta o commandante das fragatas sr. Arthur Serra Pinto, um dos officiaes da marinha brasileira mais illustrado e prestante ao seu paiz, com longa pratica de viagens, no desempenho de importantes commissões.



CAPITÃO DE FRAGATA ARTHUR SERRA PINTO
COMMANDANTE DO «AQUIDABAN»

O commandante do *Aquidaban* era irmão do sr. conselheiro Luiz Paulino Serra Pinto, medico, presidente da Associação de Beneficencia Brasileira, em Lisboa.

Pereceram ainda n'esta horrivel catastrophe os almirantes srs. Rodrigo Rocha, commandante da primeira divisão, Candido Brazil, chefe do corpo de engenheiros navaes, e Calheiros da Graça, director da reparação da carta maritima, um dos mais distinctos officiaes superiores da armada brasileira, por seus estudos espezias de cartographia. Capitão de mar e guerra sr. Alves de Barros, membro do conselho naval; capitães de corveta sr. Santos Porto, sub-chefe da casa militar do presidente da república, e sr. Ribeiro da Silva, professor da Escola Naval; o immediato capitão de corveta sr. Luiz Noronha, sobrinho do ministro da marinha que também perdeu um filho, o 2.º tenente sr. Mario Noronha; doze tenentes e guardas-marinhas, oito officiaes machinistas, doze ajudantes e praticantes de machinas, um jornalista e dois photographes.

O ministro da marinha sr. Vice-almirante J. C. Noronha que também acompanhava a commissão nos seus estudos, não foi atingido physicamente pela horrivel catastrophe, por se achar a bordo do *Almirante Barroso*; mas não deixou por isso de sofrer grande dor moral, pois perdeu um filho e um sobrinho, como acima referimos.

O *Aquidaban* foi construido em Inglaterra e lançado ao mar em 1885. Era todo de aço forrado de cobre, tendo de comprimento 85 metros e 16 de bocca, com o deslocamento de 4950 toneladas e demandando 18 pés. Tinha dois helices. As machinas da força de 6200 cavallos permittiam-lhe o andamento de 15 milhas. Tinha depositos para 600 toneladas de carvão. O seu armamento era importante, tendo 4 peças de 23 centímetros nas 2 torres, a de vante e a de ré, sendo estas torres movidas porapparelhos hydraulicos. Uma bateria constituída por 4 peças

de 70 *pounders* de 5 toneladas, 2 peças de tiro rapido e 13 metradalhadoras. Era protegido por uma cinta couraçada *compound* de 28 centímetros. Tinha cinco lança torpedos.

Este couraçado custou 345:000 libras.



ALMIRANTE CALHEIROS DA GRAÇA

O *Aquidaban* era um dos navios que mais historia tinha na marinha de guerra brasileira. Foi elle o navio-chefe da esquadra revoltosa a bordo do qual estava Custodio de Mello, o valente almirante, que no *Aquidaban* forçou seis vezes a barra do Rio de Janeiro, defendida pelas fortalezas guarnecidas de poderosos canhões.

Este couraçado soffreu avaria á proa, abrangendo dois compartimentos, abaixo da linha d'agua, produzida por um torpedeiro quando foi subjugada a revolução.

N'esta revolução o *Aquidaban* provou a superioridade dos grandes couraçados quando são commandados por officiaes instruidos e audaciosos.



VICE-ALMIRANTE J. C. NORONHA
MINISTRO DA MARINHA DO BRAZIL

Foi também o *Aquidaban* que acompanhou á Europa o vapor *Allagoas* em que veio o imperador D. Pedro II ao proclamar-se a Republica dos Estados Unidos do Brazil.

Por um telegramma recebido na legação brasileira quasi á hora d'esta revista entrar na machina soube-se os nomes de mais algumas das victimas e são os seguintes:

Primeiros tenentes: Jovino Dias e Valle Cabral, segundo tenente Moraes Silva, guardas-marinhas Celestino Cardoso, Magalhães Braga, Moraes Silva, Horacio Guimarães, Oscar Suano, Oscar Vianna, Dias de Aguiar, Pereira Camargo e Arruda Camara, sub commissario, Costa Pereira, pharmaceutico, Luiz Santos; machinistas: Luiz Sant'Anna, Gomes da Silva, Gonzaga de Sousa e Enéas Cadaval. Ficaram feridos ou queimados e achavam-se em tratamento: o medico Prudencio Brandão, o capitão tenente Benjamim Goulart, os primeiros tenentes Luiz Belart, Raul Daltro e Guilherme Bicken, segundos tenentes Gonçalves Camello, e J. Cunha Lima e o maquinista Barbosa de Sant'Anna.

O unico official que nada soffreu, salvando-se a nado, foi o segundo tenente Raul Roxo.

NECROLOGIA

Dr. Antonio Mendes Pedroso

Tem hoje esta secção que registrar a morte de um benemerito filho de Santarem, que á sua terra e a seus conterraneos consagrou toda a sua vida, acudindo com os recursos da sciencia e da bolsa, onde a doença e a miseria oprimissem um desgraçado.



DR. ANTONIO MENDES PEDROSO

Era o dr. Antonio Mendes Pedroso, que todo Santarem idolatrava, pagando-lhe assim em grato reconhecimento o muito que lhe devia.

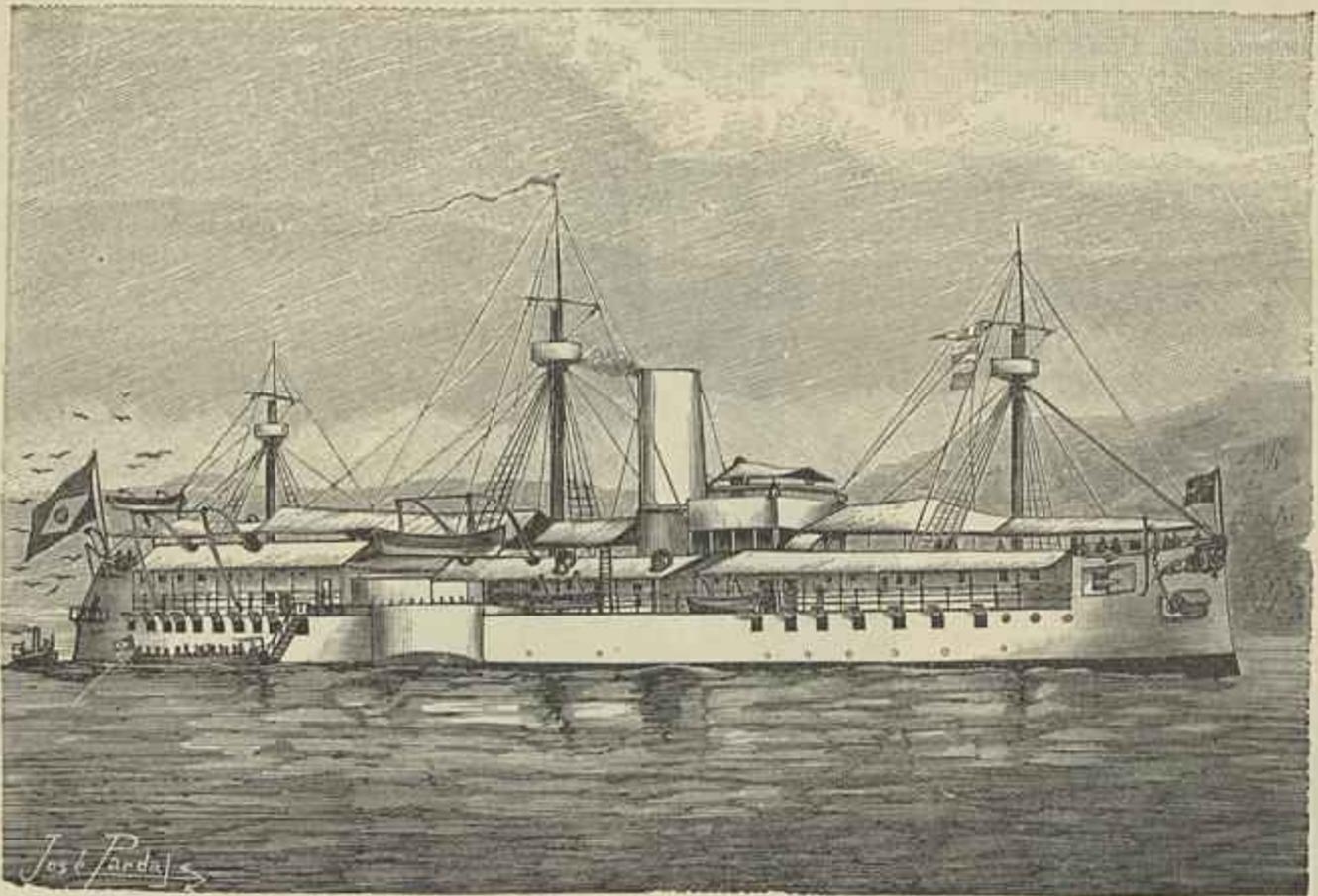
Ainda ha pouco o povo de Santarem lhe testemunhara publica e festivamente o seu reconhecimento, indo em lúcido cortejo collocar uma lapide commemorativa na casa da rua de S. Nicolau, onde nascera aquelle benemerito cidadão.

Essa festa alegre em breve se transmudou em pesado luto, quando na cidade scalabitana correu a noticia da morte do dr. Mendes Pedroso, que sacumbira a uma doença de garganta, que ha muito o vinha minando.

O dr. Antonio Mendes Pedroso nasceu em Santarem a 21 de dezembro de 1830, e tendo concluido o curso de medicina na Escola Medica de Lisboa em 1855, voltou á sua terra natal, sendo nomeado medico do hospital de Jesus Christo, onde prestou os serviços da sua sciencia e se dedicou de coração ao tratamento de enfermos, durante sua vida.

Devido á sua intelligencia e illustração, poudo ainda prestar outros serviços á sua terra, no desempenho de varios cargos publicos, como o de procurador á junta geral do districto, presidente da Camara Municipal, e deputado ás côrtes em duas legislaturas.

Em todos estes elevados cargos provou sempre o seu grande civismo e amor á terra onde nascera, por isso os seus conterraneos não lhe regatearam os louvores, e hoje choram com profunda magua a falta do grande cidadão, amigo e protector dos pobres, como se mostrou no grande sentimento com que todos o acompanharam á sua ultima morada, no dia 12 do corrente.



O «AQUIDABAN» Destruído por explosão a bordo em 21 do corrente

ANTONIO DO COUTO — ALFAYATE

Premiado na Exposição Universal de Paris de 1900

Magnífico sortimento de fazendas
nacionais e estrangeiras

R. do Alecrim, 111, 1.º (à P. Luiz de Camões) — LISBOA



A melho agua de mesa conhecida
AGUAS MINERAES DO MONTE BANZÃO-COLLARES
GAZOSAS LITHINADAS

Deposito geral:

Rua do Arco da Bandeira, 216, 1.º
LISBOA

FABRICA DE MOVEIS NO PORTO

DE
REIS & FONSECA

Com officinas e deposito em Lisboa

Completo sortimento de mobílias e estofos em todos os generos e estylos

PREÇOS SEM COMPETENCIA

LARGO DO CALHARIZ, 26 E 27 — LISBOA

LE DICTIONNAIRE DES SIX LANGUES

Médaille à l'Exposition Universelle
de Paris de 1900

Français, Allemand, Anglais Espagnol,
Italien et portugais

Prix 25 francs ou 1 £

Editeur — Empresa do Occidente — Lisbonne — Portugal

PHOTOGRAPHIAS

A Redacção d'O OCCIDENTE aceita photographias de todos os assumptos de interesse e de actualidade, tanto de Portugal como do Estrangeiro, as quaes serão publicadas, vindo acompanhadas das indicações indispensaveis para o respectivo artigo.

Santos Camiseiro

24, PRAÇA DE D. PEDRO, 25 — ROCIO

«LISBOA»

Sempre bom sortido de camisas, camisolas, meias, pengas, gravatas, punhos, collarinhos e muitos outros artigos de phantasia, como botões para collarinhos e punhos, carteiras, malas para viagem e lençaria.

ESPECIALIDADE EM CAMISAS PARA CASACA
(o que ha de mais moderno)

Executa-se toda a rouparia por medida

Methodo Berlitz

LISBOA

PORTO

R. do Alecrim, 20 A
1.º e 2.º andar

Rua Sá da Bandeira, 25g

Duas medalhas de ouro e prata
Exposição Universal de Paris de
1900 **Grand Prix**—
Exp. de S. Luiz 1904
Exp. de Liege

THE BERLITZ SCHOOL OF LANGUAGES
Academia de Linguas Vivas

Ensino pratico

por
Professores estrangeiros

Professores de S. M. El-Rei D. Alfonso XIII
Professores de S. M. o Principe Real da Alemanha

Professores de S. M. o Principe Frider. Wilh. da Prussia, etc.

ENSINO INDIVIDUAL e em CLASSES GERÁES, separadas para HOMENS e SENHORAS

Allemão, inglez, francez, italiano, hespanhol, portuguez

Os cursos da Academia BERLITZ funcionam todos os dias das 8 da manhã ás 10 horas da noite

Almanach illustrado do OCCIDENTE

Para 1906

Sahiu a publico este interessante annuario e desde já se recebem encomendas. A capa é uma bonita aguarella do sr. José Leite. Preço 200 réis, pelo correio 220 réis.

EMPRESA DO OCCIDENTE — LARGO DO POÇO NOVO
LISBOA

CAPAS PARA ENCADERNAÇÃO

DO

OCCIDENTE

Preço da capa 800 réis, franco de porte. Preço da capa e encadernação 1 \$200 réis.

Pedidos á EMPRESA DO OCCIDENTE — L. do Poço Novo
LISBOA